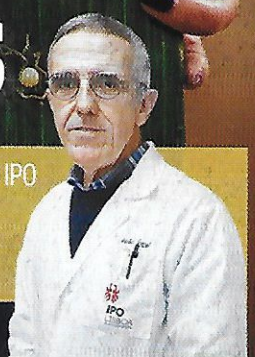
CORREIO da manhã
Domingo
SEMANA DE 06.02 A 12.02.2022 FAZ PARTE INTEGRANTE DA EDIÇÃO DO CM Nº 15 563 E NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

QUASE 60 ANOS DEPOIS, OTÍLIA TROUXE O IRMÃO MORTO DE ANGOLA, PARA FAZER O FUNERAL E CUMPRIR O DESEJO DOS PAIS. MAIS DE TRÊS MIL CORPOS CONTINUAM EM ÁFRICA. AS HISTÓRIAS DAS FAMÍLIAS QUE CONSEGUIRAM TRAZÊ-LOS DE VOLTA

GUERRA COLONIAL
O resgate dos soldados

O QUE FRANCISCO JOSÉ VIEGAS NÃO CONTOU
TRINTA ANOS DO INSPETOR JAIME RAMOS

ENTREVISTA COM JOÃO OLIVEIRA, PRESIDENTE DO IPO
PORQUE É QUE O SNS FAZ FALTA?



 POR MARTA MARTINS SILVA

GUERRA COLONIAL

A viagem de regresso a casa dos militares mortos no Ultramar

Otília Gonçalves quis honrar a memória do irmão Aquilino

SERGIO LEMOS

OS SOLDADOS AQUILINO GONÇALVES, ANTÓNIO LOPES DA SILVA E ANTÓNIO VITORIANO PERDERAM A VIDA NO CONFLITO E OS SEUS CORPOS FICARAM EM ÁFRICA, COMO ACONTECEU COM OUTROS TRÊS MIL COMBATENTES DO ULTRAMAR, IMPOSSIBILITANDO AS FAMÍLIAS DE FAZEREM O LUTO. MAIS DE 50 ANOS DEPOIS DE TEREM MORRIDO AO SERVIÇO DA PÁTRIA, FORAM SEPULTADOS NO PAÍS ONDE NASCERAM

Otília Gonçalves ainda não tinha nascido quando a família recebeu em mão um telegrama a anunciar a morte do irmão na guerra colonial em Angola. "Sua Excelência Ministro do Exército tem o pesar de comunicar o falecimento do seu filho 2º cabo 1/61 Aquilino da Silva Gonçalves ocorrido em Angola por acidente. Transladação impossível. Sua Excelência apresenta as mais sentidas condolências."

Ernestina Silva tinha quase dois anos quando idêntica notícia anunciou à mãe que ficara viúva e a filha órfã de pai depois da morte em combate do soldado paraquedista António Lopes da Silva. E Conceição Maia era uma criança de 10 quando bateram à porta e deram à mãe a triste nova que a fez chorar tanto que a filha a conseguiu ouvir do jardim – o irmão António Vitoriano morrera na Guiné.

Mais de três mil soldados (só em Angola estão 1548) nunca regressaram a casa quando a guerra terminou. Os restos mortais dos combatentes ficaram nas antigas províncias ultramarinas não só durante os 13 anos que durou o conflito, mas durante as décadas que se seguiram.

Até 1967, o Estado português não custeava a transladação dos mortos – só garantia a viagem de regresso aos vivos, pelo que aqueles que em África davam o último suspiro só voltavam se as famílias pagassem [ver caixa]. E a partir de 1967 não regressavam à Metrópole aqueles que eram dados como desaparecidos ou cujos corpos tombavam em locais de difícil acesso.

"Informaram que ele estava desaparecido em combate, mas esta frase vai levar a que as pessoas fiquem sempre com aquela ideia de que não morreu e alimentem a esperança de que um dia poderá aparecer. Mais tarde, quando vem a confirmação da morte, a informação que chega é que tendo em conta o local onde tinha sido morto não era possível

"Informaram que ele estava desaparecido em combate, o que levou a alimentar a esperança de que um dia poderia aparecer"
Conceição Maia
irmã

O que diz o Ministério da Defesa Nacional?

O Ministério da Defesa Nacional (MDN) não respondeu à pergunta da 'Domingo' sobre o número de soldados que ainda estão sepultados na Guiné, em Angola e Moçambique, mas fez saber que "o repatriamento dos corpos de Antigos Combatentes falecidos em teatros de guerra e que estão sepultados em cemitérios no estrangeiro tem o auxílio do Estado português, quando existe solicitação da viúva ou viúvo, de ascendentes ou descendentes diretos, de acordo com o previsto no artigo 21º do Estatuto do Antigo Combatente". O estatuto entrou em vigor a 20 de agosto de 2020 e desde então – diz o MDN – "nenhum pedido foi feito". "Até hoje não tenho conhecimento de qualquer caso que tenha sido apoiado pelo Estado para trazer um combatente a pedido de uma família", diz o presidente da Liga dos Combatentes.

transladar o corpo", recorda Conceição, a irmã do soldado António Vitoriano, que na idade adulta se fez arqueóloga e em 2008 organizou uma equipa que tinha por missão trazer de volta não só o irmão, mas outros dois soldados paraquedistas e três soldados do Exército.

A acompanhá-la, uma equipa de antropólogos da Universidade de Coimbra e representantes da Liga dos Combatentes, que integravam uma comitiva junto da qual também viajou o coronel José de Moura Calheiros, em 1973 comandante dos paraquedistas mortos durante a operação que tinha como missão reabastecer e reforçar a guarnição de Guidage, então cercada pelo PAIGC.

"No primeiro dia tive que tomar um calmante, estava muito nervosa. Tentei sempre esquecer que aquelas pessoas eram soldados e que um deles podia ser o meu irmão", conta Conceição sobre o início de uma jornada que também a surpreendeu.

> "Pedi a Nossa Senhora que me pudesse dar um sinal que me ajudasse a identificar o meu irmão"
> **Conceição Maia**
> Arqueóloga e irmã de soldado

"Eu não sou religiosa nem acredito em Deus – aliás, uma das disciplinas que leciono é sobre a evolução humana e nesta parte científica Deus não encaixa em lado nenhum. Mas houve um momento em que estava a escavar e que pedi a Nossa Senhora que me pudesse dar um sinal que me ajudasse a identificar onde pudesse estar o meu irmão. E pouco depois um dos soldados apareceu com uma pedrinha cor de rosa em forma de coração que tinha sido usada ao peito. E eu soube nesse exato momento que aquele era o meu irmão e aquele era o sinal que eu tinha pedido, mesmo antes de o ADN o confirmar", confidencia a irmã do paraquedista António, que durante a missão viveu mais momentos que escaparam ao entendimento que a ciência faz da morte.

"Houve uma coisa muito estranha que eu até tinha vergonha de confessar: estavam 45 graus, nós estávamos a trabalhar debaixo de um toldo e nunca tive fome, sede ou calor – como se ali, naquele sítio da escavação, estivesse um clima diferente, como se aqueles soldados que estávamos a procurar fossem os nossos anjos da guarda a proteger-nos."

Carlos Cláudio Rosa também foi militar, mas da Marinha

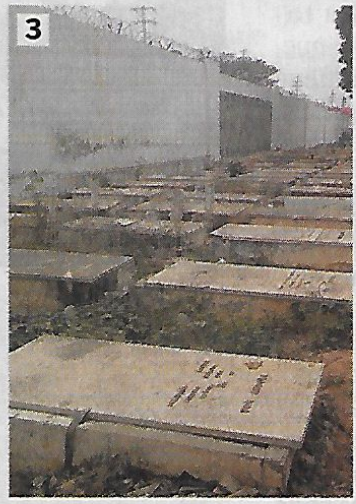
DUARTE RORIZ

A Liga dos Combatentes fez 12 missões

No âmbito do programa 'Conservação das Memórias', a Liga dos Combatentes já efetuou cinco missões de transladação de corpos de antigos combatentes na Guiné e sete em Moçambique. "Em 2005 decidimos que devíamos começar por Angola, mas como não foi possível chegarmos a acordo naquela altura, começámos pela Guiné. Iniciámos o planeamento – não tínhamos dados de onde estavam inumados os militares portugueses – e demorámos dois anos a fazer esse levantamento", conta o tenente general Chito Rodrigues, presidente da Liga há 18 anos. "As operações na Guiné começaram em 2007. Numa delas transformámos uma capela que estava em ruínas num ossário, onde ficou grande parte dos restos mortais que recolhemos na Guiné. Em Moçambique tivemos também de fazer um ossário em Nampula porque verificámos casos muito difíceis, cemitérios tinham sido levantados e os corpos dos soldados colocados em vala comum, debaixo de embondeiros que cresceram ou de cubatas. Há três anos voltámos a Angola e já conseguimos um acordo para uma missão que será iniciada assim que a pandemia o permitir."

Uma vida inteira

A mãe de Ernestina Silva voltou a casar em segundas núpcias, mas nunca deixou morrer a memória do primeiro marido e pai da filha, a quem sempre mostrou as fotografias e relatou a história de amor que os unira em Lobão da Beira, a freguesia do município de Tondela onde chegou a trágica notícia que deixou Cecília em choque. A mãe de Tina voltou a casar



FOTOS: ARQUIVO PESSOAL

1. ESPÓLIO DE ANTÓNIO LOPES DA SILVA

2. ERNESTINA COM A MÃE, CECÍLIA

3. CEMITÉRIO DE SANTANA ONDE CARLOS ROSA DESCOBRIU O PAI DE TINA. NA METRÓPOLE, O APOIO DO CORONEL CALHEIROS E DO MAJOR JOSÉ MARIA MATOS FOI FUNDAMENTAL

4. CAMPA DO SOLDADO EM PORTUGAL

5. TINA NO FUNERAL DO PAI, EM 2017

quando ela tinha 7 anos e emigrou para a Alemanha em busca de trabalho, pelo que a menina foi criada pela avó materna e pela madrinha – todo um rumo de vida alterado pela guerra.

"Passei a minha vida inteira à procura do meu pai. E cada vez que tinha problemas ou chorava estava sempre a pensar no meu pai, sempre, constantemente, foi assim que eu cresci", conta Tina, que herdou de António Lopes da Silva as feições e a personalidade – o que contribuiu para a aproximar da memória daquele pai que perdeu antes de completar 2 anos, mas que nunca se permitiu esquecer. Viria a descobrir os antigos camaradas de António Lopes da Silva já mulher adulta e depois de muitas pesquisas na rede social Facebook. Foram eles que lhe contaram o que tinha acontecido com António, que afinal não tinha morrido numa rixa, como sempre tinham dito à família.

"Foi aí que eu soube que ele tinha morrido em combate e onde é que estava sepultado. Aí eu soube logo que o ia buscar custasse o que custasse", partilha Tina, que para trazer o pai contou com a ajuda preciosa da União dos Paraquedistas Portugueses, que angariou 5 mil euros para as despesas, e de Carlos Cláudio Rosa – um português emigrado em Angola que a ajudou a encontrar a campa onde jazia o soldado e a tratar de todo o processo burocráti-

> "Passei a minha vida inteira à procura do meu pai. E cada vez que tinha problemas pensava nele"
> **Ernestina Silva**
> Filha de soldado

co de exumação e transladação do corpo.

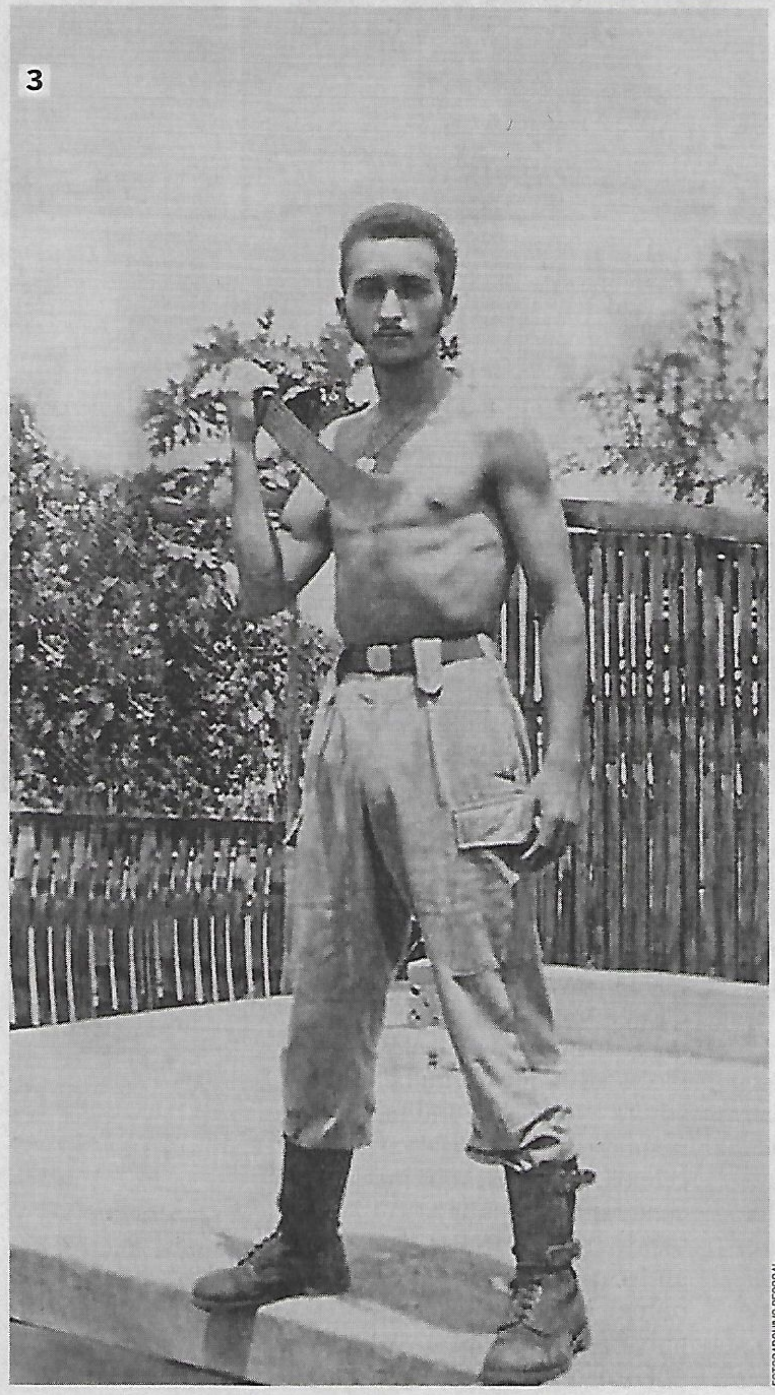
"De certa forma, sinto que fiz justiça ao meu pai e compensei o desprezo que os governos têm dado a estes heróis. Porque quem devia ir lá buscá-los era o Governo, era uma maneira de se fazer justiça a todos eles", acusa Tina – que, tal como Otília, não teve ajuda de entidades oficiais.

Ajuda preciosa

"O primeiro cemitério a que eu fui foi ao do Alto das Cruzes, onde estavam militares, mas da Primeira Guerra Mundial. Fui depois ao cemitério de Santana e encontrei a campa. Mas fiquei em choque com as campas violadas, partidas, ao abandono. Na zona onde estão sepultados os militares portugueses, fazem campas, abrem a terra e enterram civis nos corredores", conta Carlos Rosa, que depois de apoiar Ernestina ajudou Otília a trazer o irmão e depois disso auxiliou ainda outra portuguesa a encontrar os restos mortais dos pais e de uma tia, três civis portugueses apanhados no meio da guerra em Angola.

"Sinto que ajudei a apazi-

> "Quando soube como ele tinha morrido e onde estava sepultado soube que o ia buscar, custasse o que custasse"
> **Ernestina Silva**
> Filha de soldado



FOTOS ARQUIVO PESSOAL

1. CAMPA QUE OTÍLIA MANDOU FAZER PARA OS RESTOS MORTAIS DO IRMÃO E ONDE TAMBÉM SERÁ ENTERRADA QUANDO MORRER

2 VALOR DAS DESPESAS COM O FUNERAL DO SOLDADO AQUILINO GONÇALVES FOI ANGARIADO PELA ASSOCIAÇÃO DE ANTIGOS COMBATENTES DO ULTRAMAR E ÍNDIA, QUE SE SOLIDARIZOU COM O LUTO INACABADO DE OTÍLIA E A AJUDOU

3. AQUILINO FAZIA PARTE DA BATERIA DE ARTILHARIA 147, UMA DAS PRIMEIRAS A CHEGAR A ANGOLA EM 1961, NO INÍCIO DA GUERRA. MORREU DEBAIXO DE UM UNIMOG, TRÊS MESES DEPOIS

guar a dor das famílias, a fecharem um capítulo que estava em aberto. Só me custou o caso de um senhor que me contactou para o ajudar porque foi impossível localizar o pai. Supostamente, estaria na capela do cemitério de Santana, dentro de um caixão de chumbo, mas quando lá cheguei a capela estava vazia. Fiquei a saber que tinham sido retirados há cinco ou seis anos", recorda Carlos Rosa, à época responsável pela segurança de uma grande empresa e que se prontificou a ajudar as famílias sem qualquer contrapartida financeira.

É por isso que Otília, que só ficou a saber da existência de Aquilino quando uma das irmãs descobriu uma fotografia do soldado – chama anjo a Carlos. Quando conheceu o segurança já sabia que o irmão tinha sido "boa pessoa, muito amigo e divertido" – disseram-lhe os camaradas que entretanto descobrira –, mas queria vê-lo sepultado em Vila Verde, no distrito de Braga, a terra da família onde os pais de ambos criaram 11 filhos.

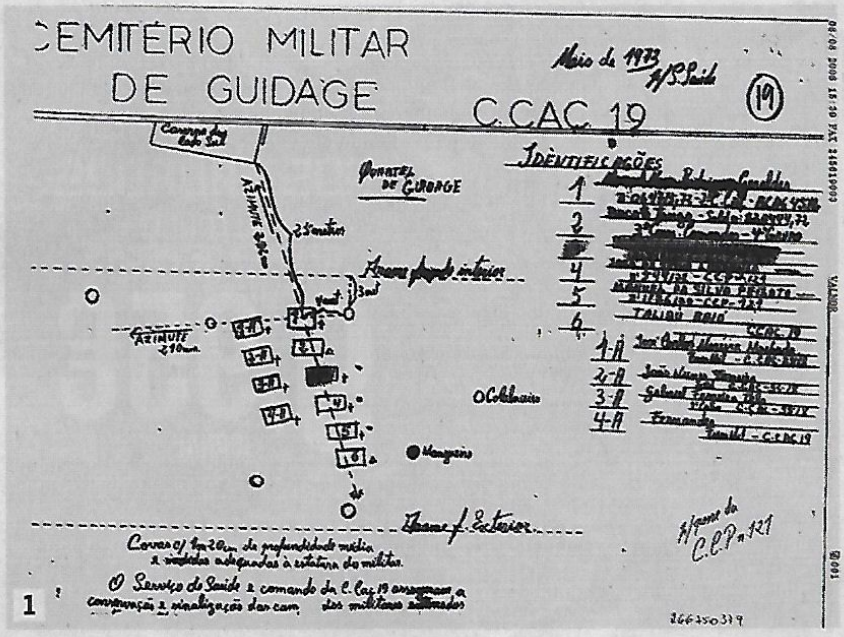
> "Sinto que ajudei a apaziguar a dor das famílias, a fecharem um capítulo que estava em aberto na vida delas"
> **Carlos Rosa**
> Ex-segurança

Foi das mãos de Carlos que Otília – que na infância ouvia a mãe chorar o filho morto na guerra atrás do milho e era sovada sempre que tentava falar do assunto – recebeu metade de uma medalha que pertencera ao irmão, sepultado no cemitério do Sassa, no Caxito, a mais de 60 quilómetros de Luanda. Estava debaixo de um capim alto que Carlos teve de desbravar para chegar à campa e poder dizer a Otília que a viagem estava quase a terminar. Quando os restos mortais de Aquilino chegaram a Portugal, em 2018, os pais já não estavam vivos, mas as mães de Tina e de Conceição souberam que o marido e o filho, respetivamente, tinham, finalmente, chegado a casa. A viagem foi longa, mas tinha chegado ao fim.

REPORTAGEM CM
HOJE, ÀS 15h08, NA CMTV

Famílias tinham de pagar

Foi a partir da carta pungente da mãe de um soldado morto na guerra colonial em Moçambique, em janeiro de 1967, que o Estado passou a custear a transladação dos restos mortais dos soldados. Maria Florinda Luz era uma camponesa alentejana que, sem saber escrever – foi o presidente da junta que escreveu por ela –, acabou por ajudar tantas famílias depois dela. Antes disso, as famílias recebiam um telegrama com o valor que tinham de pagar caso quisessem trazer os seus mortos para a Metrópole, valores incomportáveis para a maioria: 10 000 escudos para virem de Angola, que equivale a 4000 euros hoje; 12 000 escudos de Moçambique, que são hoje 5300 euros; e 7500 escudos da Guiné (3000 euros).



1

2

1. CROQUIS DO LOCAL ONDE ESTAVA ENTERRADO O SOLDADO ANTÓNIO VITORIANO NA GUINÉ **2. ANTÓNIO** VITORIANO ERA PARAQUEDISTA E MORREU EM COMBATE EM 1973

FOTOS ARQUIVO PESSOAL